



ASPECTOS FORENSES DA VAQUEJADA

Camila Monteiro Steck

1 – Breve histórico sobre a prática da Vaquejada:

No passado, quando não existiam limites com cercas nas diferentes propriedades rurais do nordeste do Brasil, as práticas de lida e manejo dos animais de criação eram feitas a campo, sem locais definidos. Assim, a derrubada dos animais representava o único recurso disponível para a contenção deles, dada a ausência de locais apropriados com troncos ou bretes. Os melhores vaqueiros eram os responsáveis pelas derrubadas e em finais de semana relembavam seus feitos repetindo tais práticas nos vilarejos e colônias locais.

Com o tempo, a prática das vaquejadas como espetáculo passou a ser efetuada segundo vários regramentos objetivando-se a diminuição ou eliminação de procedimentos de risco para o ser humano e de crueldade para com os animais.

A partir da década de 90, a disputa passou a ser encarada como um negócio. Diversos segmentos foram então se atrelando ao espetáculo. Surgiram promotores de eventos, músicos e atividades comerciais ligadas a animais e fazendas, às churrascarias e ao comércio de bebidas, entre outros, sendo, hoje, um mercado altamente visado, de grandes investidores, e, dessa maneira, os organizadores começaram a cobrar pelo ingresso de participação dos peões e do público.

Atualmente, os eventos com vaquejada são competições milionárias. O vaqueiro de hoje pertence à classe dominante da sociedade, formada por grandes empresários (PRADA e NUNES, 2015).

2 – Aspectos Forenses da Vaquejada

2.1 – A Dinâmica da prova de vaquejada

A atividade da Vaquejada consiste na tentativa de dois peões/vaqueiros,



montados à cavalo, derrubarem um boi, puxando-o pela cauda com um movimento simultâneo de tração e torção.

A prova se inicia com os a saída do bovino do brete em disparo pelos estímulos aos quais é submetido, quando começa a ser perseguido por dois peões montados que correm paralelamente entre si e lateralmente ao boi, um de cada lado do animal.

Um dos vaqueiros é o passador esteireiro (bate-esteira) que “recolhe” a cauda do animal e a repassa para o outro vaqueiro (vaqueiro-puxador). Esse segundo vaqueiro é quem deve derrubar o animal, tracionando e torcendo sua cauda, em uma área demarcada no solo, movimento conhecido por “saiada” ou “mucica”. Para tanto, muda rapidamente a direção do percurso do equino e faz também com que o cavalo acelere, adiante, dispare ou pare abruptamente, segundo sua conveniência. No momento de derrubar o bovino, joga o seu corpo lateralmente ao cavalo para ter condições de manobrar a cauda de maneira a promover a queda do animal.

O vaqueiro que passa a cauda para o companheiro, vai por todo o percurso encurralando o bovino contra o cavalo do outro vaqueiro para facilitar seu desequilíbrio e conseqüente queda.

A derrubada do animal deve ocorrer entre duas linhas marcadas no chão, expondo lateralmente a face ventral de seu tronco, de forma a permitir que o animal exponha as quatro patas longe do piso, mostrando a sola dos cascos (momento conhecido como “valeu Boi”). Essas regras sujeitam ainda mais o bovino à forte tração e torção de sua cauda, para que caia no espaço desejado pelo peão e de maneira adequada (PRADA e NUNES, 2015).

Relevante salientar que o peso dos animais pode variar bastante, dependendo da categoria das provas, amadoras ou profissionais, de 200 a 400kg (BASTOS et al., 2015).

2.2 – O transporte

Os animais normalmente viajam de regiões de distância variável permanecendo por período indeterminado embarcados, em condições em que podem não receber água ou alimentação durante o transporte e sendo submetidos ao estresse do contato próximo, por horas seguidas, com outros bovinos, movimentação



anormal pelo deslocamento do veículo e o constante esforço para se manter em pé e estático por horas seguidas.

Em casos de eventos itinerantes, são transportados de cidade em cidade, por longo período (BASTOS et al., 2015)

2.3 - Sofrimentos antes da competição

Antes de entrar no brete, para participar da prova, os animais normalmente permanecem por período variável de tempo em espaço restrito aguardando o momento de adentrar a arena para a realização da prova.

Estando no brete, minutos antes de ser solto na arena, o animal pode receber chutes, cutucões e também choques elétricos para que saia em disparada em direção à arena, assim que a porta frontal é aberta. Com esse mesmo objetivo, ainda no brete, o animal pode ser contido e tracionado pela cauda. Os movimentos bruscos que o peão eventualmente realiza nessa região do corpo, para “estimulá-lo”, podem causar uma série de lesões semelhantes às que ocorrem na arena, durante a dominação e derrubada do bovino pela cauda.

Enfim, diferentes estímulos negativos podem ser aplicados aos animais neste momento para que, assim que possível, ou seja, com a abertura da porta, o animal busque, da forma mais eficiente possível, fugir destes estímulos (PRADA e NUNES, 2015).

2.4 – Os danos Físicos aos quais animais equinos e bovinos são expostos

O movimento de tração e torção na cauda para provocar a queda do animal resulta em uma força de ação contundente intensificada para vencer a resistência do bovino em cair no chão.

O resultado da ação dessa força são as injúrias nos tecidos da cauda, que é a extensão de sua coluna vertebral, composta por inervações, musculatura, vértebras, ligamentos, discos intervertebrais, vasos sanguíneos e pele.



Como resultado da injúria, podemos observar: edema traumático, bossa linfática ou sanguínea, hematoma, laceração (rompimento da pele), laceração com descolamento completo da pele da cauda, entorses, luxações, sub-luxações e fraturas. (COSTA FILHO, 2018)

Essas lesões todas, quando ocorrem mais próximo da região de implantação da cauda no tronco, podem resultar numa afecção denominada “Síndrome da Cauda Equina”, que é uma séria condição neurológica na qual há perda aguda da função dos elementos neurológicos (raízes nervosas) do canal espinhal abaixo do cone medular, a terminação da medula espinhal. Por uma compressão ou destruição das raízes dos últimos nervos lombares, dos nervos sacrais e dos nervos coccígeos que se inserem na região mais caudal da medula espinhal e que inervam a região caudal do tronco, os membros posteriores, a cauda e os órgãos contidos na pelve (reto, colo, bexiga urinária e alguns órgãos genitais). Nesse caso, há alteração ou perda de função das estruturas inervadas por esses nervos, além da ocorrência de dor intensa na região comprometida.

Fraturas de costelas também poderão ocorrer, sendo que em muitos casos poderá ocorrer a perfuração dos pulmões. Nesse caso, há prejuízo para a função respiratória, podendo-se observar diferentes graus de insuficiência respiratória ou mesmo asfixia, com diminuição da capacidade de oxigenação dos tecidos orgânicos, ou colapso do pulmão, pode haver contusão pulmonar, hemorragia e pneumotórax e conseqüente perda da capacidade respiratória podendo o animal vir a óbito.

A musculatura e os tecidos cutâneos e subcutâneos de todo corpo do animal também podem ser lesados com contusões, formação de hematomas, estiramentos e ruptura de suas estruturas musculares e tendíneas (PRADA e NUNES, 2015).

De acordo com os resultados obtidos, nota-se que a tenossinovite é uma afecção muito frequente em equinos que praticam vaquejada, evidenciando uma realização de esforços físicos exagerados. Como a afecção não é acompanhada de claudicação, os animais continuam a competir e não recebem tratamento (BOAKARY et al., 2020).

A ruptura dos órgãos internos como fígado, baço, rúmen, omaso,



abomaso, bexiga e rins devido ao forte impacto ao solo, bem como hemorragias de graus variados, poderão ocorrer e levar o animal a óbito em tempo variável após a prova dependendo da extensão do sangramento.

A queda, seguida por arrastamento, sofridos pelo bovino, mesmo que por instantes, pode ocasionar na pele da cabeça, do pescoço, da parede lateral do tronco e dos membros lesões diversas como escoriações, equimoses, hematomas, queimaduras (por atrito), solução de continuidade e perda de tecido, por todo corpo do animal.

No episódio da queda, se o animal bater com a face lateral da cabeça contra o solo, pode haver lesão do nervo facial, que inerva a musculatura da face, do que resulta paresia (paralisia parcial) ou paralisia temporária ou definitiva dessa musculatura.

O choque violento do animal na queda em decúbito lateral pode determinar ocorrência de avulsão do plexo braquial e/ou paralisia do nervo radial, ou seja, esgarçamento dos nervos que emergem da medula espinhal para inervar os membros com consequente paresia e paralisia, particularmente da musculatura extensora da extremidade dos membros. Essa paralisia, resultante de avulsão, de modo geral é definitiva.

A queda abrupta e violenta do bovino, no solo, pode acarretar no animal, as lesões que se seguem, relativamente a(o):

- Pele e Tecido Celular Subcutâneo - equimoses, hematomas, queimaduras (por atrito), solução de continuidade e perda de tecido;
- Coluna Vertebral – sub-luxação, luxação e fratura de vértebras, com lesões consequentes, da medula espinhal e de raízes dos nervos espinais. Síndrome de Wobbler e Síndrome da Cauda Equina;
- Tórax - Fratura de costelas, contusão pulmonar, ruptura da parede do tórax com ocorrência de pneumotórax, colapso dos pulmões e consequente perda da capacidade respiratória;
- Musculatura do tronco e membros - Miopatia de captura (processo inflamatório dos músculos pelo estresse da captura), que pode ocorrer até 14 dias depois do episódio. Ruptura de ligamentos, tendões e de estruturas musculares;
- Inervação da cabeça e dos membros - Paralisia do nervo facial. Avulsão



do plexo braquial e/ou paralisia do nervo radial;

- Membros - sub-luxação e luxação de peças articulares. Fraturas de segmentos ósseos. Paresia ou paralisia resultante da avulsão do plexo braquial e/ ou de lesão do nervo radial;

- Cauda: hiperestiramento, compressão, luxação, fratura única ou múltipla das vértebras caudais, coccígeas, ruptura ou “desenluvamento” da cauda pelo excesso de força em um único ponto. O derrame sanguíneo na maioria dos casos não é percebido, pois apesar de haver extravasamento do sangue para fora dos vasos sanguíneos rompidos, ele é contido pela pele;

- Pele - derrame sanguíneo subcutâneo, pela ruptura de vasos, com formação de hematomas. Na queda ao solo, lesão de pele em todas as áreas de contato direto com o chão no momento do decúbito (derrames, equimoses, hematomas);

- Órgãos internos - ruptura de fígado, baço, bexiga, diferentes estômagos e rins com conseqüente hemorragia interna (PRADA e NUNES, 2015). Hemorragia pulmonar induzida por exercício, que se manifesta por uma epistaxe logo após o animal correr.

Os mesmos animais são utilizados várias vezes durante os campeonatos no mesmo dia de acordo com a classificação ou senha do vaqueiro competidor, ampliando os riscos de lesões aos animais (BASTOS et al., 2015).

Trabalho realizado para avaliação das condições de estresse a que os equinos são submetidos durante as provas de vaquejada, mostram que ocorrem significativas alterações físicas, bioquímicas e hematológicas em decorrência do estresse a que são submetidos durante os treinamentos, e que as condições de clima seco e quente, o contato com animais desconhecidos e de outra espécie, a poluição sonora e a falta de rotina de treinamento adequado são fatores relevantes na ocorrência do quadro alterado do animal. No momento anterior à prova, os animais apresentaram índices elevados de creatinaquinase (CK), o que provavelmente ocorreu devido a treinamentos prolongados anteriormente à competição, não tendo havido tempo suficiente de retorno a níveis mais baixos dessa enzima (LOPES et al., 2009).

Vale lembrar ainda que no momento em que o bovino é desequilibrado



para ir ao chão, há grande possibilidade de os seus membros intercruzarem os membros dos cavalos, com grande chance de traumatismos, especialmente fraturas, pelo forte impacto dos animais em movimento. As fraturas em animais de grande porte são lesões com péssimo prognóstico e altíssima indicação de eutanásia.

2.5 – Treinamentos

Sofrimentos e abusos sofridos não se restringem ao tempo das provas em que são utilizados, mas ocorrem em todo o período de treinamento para os condicionamentos necessários à realização das provas. De fato, para atender critérios e normas regulamentares, os vaqueiros devem cumprir a prova dentro de um curto espaço de tempo e em um espaço físico restrito, o que demanda repetição intensiva dos procedimentos nos períodos de treinamento (PRADA e NUNES, 2015).

E não é desarrazoado considerar que animais vítimas de manejo agressivo durante as provas possam ser vítimas de métodos mais violentos nos treinamentos nas propriedades, longe dos olhos do grande público, para que tolerem praticar atividades incomuns às suas necessidades comportamentais.

O treinamento do cavalo começa assim que o animal tiver condições de ser montado e após a castração, normalmente feita depois dos dois anos de idade. Com a idade de dois anos o equino ainda não completou seu desenvolvimento osteo-articular, portanto, danos mais graves podem acontecer com ligamentos, músculos, tendões, articulações, ossos ainda nesta idade não estão aptos a suportar exercícios que são empregados no preparo dos animais destinados a provas de vaquejada (BASTOS et al., 2015). Nessa fase, o equino ainda não completou o fechamento das epífises dos ossos longos. Ocorrerá então uma remodelagem do contorno ósseo sob influência de forças artificiais implicadas nos movimentos que ele é obrigado a executar nos treinos e nas provas.

2.6 – Sofrimento psicológico

Além dos sofrimentos físicos, os animais também podem experimentar sofrimento mental ou psíquico, pois são incontestáveis as situações de constrangimento, de subjugação e de maus tratos (PRADA e NUNES, 2015).



Segundo NETO et al. (2009), o reagrupamento e a mistura de animais não familiarizados pode resultar em interações agressivas e angústia, especialmente aos animais de baixo grau de hierarquia. Isso é prática comum em eventos de vaquejada.

Durante a prática da vaquejada, os animais são expostos a situações estranhas àquelas necessárias a sua vida natural, levando-os a situações de medo, angústia, ansiedade, solidão e pânico, por exemplo.

Para entrada na arena, os animais são reunidos em bretes de contenção, tocados para dentro de corredores em grupos, o que provoca comportamento de ansiedade e pânico, fazendo com que os animais se amontoem uns sobre os outros produzindo lesões físicas também.

O distresse (estresse crônico) da exposição frequente a situações que geram dores físicas e psicológicas podem desencadear doenças a curto e médio prazo. A persistência da dor e sofrimento podem desencadear alterações clínicas e comportamentais como vícios (automutilação, ingestão de objetos estranhos), agressividade, medo, comportamentos estereotipados (repetitivos e sem função aparente), que podem persistir por toda a vida (PRADA e NUNES, 2015).

Conforme observado pela Dra. Irvênia Prado, outro aspecto que nos chama atenção é o que se observa nas fotos dos animais, em plena atividade, nesses eventos. Nessas fotos, os olhos dos animais mostram uma grande área arredondada, luminosa, conseqüente à dilatação de sua pupila. Na presença de luz, a pupila tende a diminuir de diâmetro (miose). Ao contrário, a dilatação da pupila (midríase) acontece na diminuição ou ausência de luz, na vigência de processo doloroso intenso e na vivência de fortes emoções (medo, pânico etc.) e que acompanham situações de perigo iminente, caracterizando chamado “Síndrome de Emergência de Cânon” (“to fight or to flight” – lutar ou fugir) (BASTOS et al., 2015).

Quanto aos equinos, em relação aos seres humanos, eles se adaptam mais devagar às variações de luminosidade. Demoram mais tempo para conseguir enxergar com nitidez os ambientes com diferentes iluminações. Captam ultrassons agudos, por isso, o barulho excessivo também o causa sofrimento (KOGIMA, 2020).



Essa situação ambiental é muito frequente nos eventos de vaquejada, especialmente nos realizados em período noturno. Isso gera angústia e insegurança por não conseguir perceber exatamente objetos, pessoas, outros animais que pode esbarrar e mesmo assim é obrigado a se deslocar em sentido que não lhe dá confiança.

Ainda sobre a perseguição sofrida pelo bovino durante a prova em si: a corrida está longe de ser a melhor estratégia dos bovinos para fugir do seu predador. Os recursos de eleição dessa espécie em situação de fuga são: a camuflagem e o repouso em local esconderijo. Em uma vaquejada, o boi não pode lançar mão do seu melhor recurso para escapar do predador, situação que gera angústia e desespero. Ele não tem a oportunidade de escolher onde vai ficar para melhor salvaguardar a sua vida em momento algum durante o evento, que conta invariavelmente com som alto e luzes persistindo ao longo do dia podendo se estender para o período noturno, momento fisiológico de repouso de bovinos e equinos.

Para equinos, também não existe, em seu repertório comportamental, uma ação correspondente a perseguir e encurralar indivíduos da mesma ou de outra espécie.

2.7 – Dias após a prova

A médio e longo prazo podem surgir processos inflamatórios como consequência de derrames sanguíneos repetitivos que ocorrem nos animais que repetidamente são empregados em treinamentos ou provas (PRADA e NUNES, 2015).

Doenças traumáticas (fraturas, tendinites, tenossinovites, luxações) podem não ter sido diagnosticadas no dia da prova, mas podem ficar evidentes dias depois com o surgimento de edema e claudicação.

Doenças metabólicas, como laminite, azotúria; doenças desencadeadas por estresse, como úlceras estomacais e gastrite em equinos, miopatia de captura também poderão ser diagnosticadas somente após a prova.



Erros e mudanças repentinas no manejo ambiental e alimentar podem ocorrer facilmente em ocasiões de prova. Por situações imprevistas ou imprevisíveis, um manejo corrente pode ser difícil de ser mantido, o que fatalmente vai ocasionar quadros de cólica em equinos, timpanismo, torções em bovinos e outras afecções.

Seria indicado que o juiz ou solicitante da perícia fizesse quesitos sobre o destino dos animais após o evento, números de animais que entraram e que saíram, como se encontravam ao sair do evento (integridade física, comportamento, parâmetros fisiológicos, aspectos clínicos gerais), e também que fosse solicitada a perícia em animais alguns dias logo após a prova ou no intervalo de tempo entre dois eventos dos quais o animal participou e participará.

2.8 – Equipamentos utilizados nas provas para melhorar a performance dos vaqueiros e podem causar maiores lesões aos animais

2.8.1 – Protetor de cauda

Consiste em um fixador superior de neoprene e velcro que ficará posicionado próximo à inserção da cauda do animal, fazendo mesmo um garrote conectado a uma malha de tração de monofilamentos e poliéster que cobrirá o resto da cauda do animal até a “maçaroca” (DINART TV VAQUEJADA, 2019).

É utilizado, segundo os competidores, para evitar o arrancamento da pele da cauda. Essa situação, quando ocorre, gera penalidades para o competidor ou a sua desclassificação. O animal acaba saindo das competições para o abate.

A cauda artificial que visa evitar o arrancamento não possui nenhum tipo de padronização em sua confecção, é fixada de forma precária causando estrangulamento circulatório para fixação. Nesse contexto, a falta de segurança no manuseio, perda de sensibilidade pelo vaqueiro e o uso de força excessiva podem gerar uma tração mais violenta da cauda, lesões mais severas, e maior sofrimento ao animal (BASTOS et al., 2015).

2.8.2 – Luvas de pitoco ou luvas de vaqueiro



Outro equipamento amplamente utilizado pelos competidores é a luva de pitoco, conhecida também como luva de vaqueiro ou unha de galo. A luva possui uma protuberância em sua região superior com aspecto de gancho e serve para enrolar a cauda do bovino dando maior firmeza para o peão na contenção (HAMM, 2013).

O uso dessas luvas aumenta o risco de danos à integridade física e ao bem-estar do animal, pois favorece a ocorrência de incidentes, como o vaqueiro enrolar excessivamente a cauda e não conseguir soltá-la na área de derrubada do animal (BASTOS et al., 2015).

2.8.3 – Professorinha

O freio e o bridão é substituído pela “professorinha”, um instrumento de doma articulado que pressiona, por alavanca, a parte superior das narinas do animal, podendo, muitas vezes, conter serras cortantes. Esse instrumento obriga o animal a manter a cabeça em determinada posição, caso contrário, ele se lesiona.

3 - Conclusões

Diversas doenças podem se manifestar nos animais posteriormente, dias depois da prova, em equinos e bovinos, doenças traumáticas que não ficaram evidenciadas (pequenas fraturas, tendinites, luxações), doenças metabólicas pelo esforço excessivo, doenças desencadeadas por estresse, como úlceras estomacais e gastrite em equinos. Seria indicado que o juiz ou solicitante da perícia fizesse quesitos sobre o destino dos animais após o evento, números de animais que entraram e que saíram, como se encontravam ao sair do evento (integridade física, comportamento, aspectos clínicos gerais), e também que fosse solicitada a perícia por médico veterinário naqueles animais que participaram do evento alguns dias logo após a prova e depois, até mesmo 60 dias após o evento.

Diante do exposto, das inúmeras lesões físicas ou psíquicas evidenciadas que ocorrem em equinos e bovinos antes, durante e após a vaquejada, podemos concluir que essa prática caracteriza o crime de maus-tratos aos animais,

presente no artigo 32 da lei 9.305/98.

4 - Imagens



Imagem 1 - Força de ação contundente realizando tração na cauda de bovino. Observar que a força quem faz é o cavalo.

Fonte: <http://www.surubimnews.com.br/confirmam-imagens-da-tradicional-vaquejada>



Imagem 2 - Em imagem cedida pelo Ministério Público- BA, pode-se ver boi (à dir.) com pele e tecidos da cauda arrancados (desenluvamento); situação foi verificada em 2015 em Serrinha.

Fonte: www.bbc.com/portuguese/brasil-37830658.



Imagem 3 – Observar que o tronco do animal foi torcido pelo movimento, podendo ocasionar lesões graves, especialmente em coluna.

Fonte: <https://diariodopoder.com.br/pg-r-reforca-que-emenda-e-leis-que-regulam-vaquejada-sao-inconstitucionais>



Imagem 4 – Queda brusca com forte possibilidade de traumatismos em toda a coluna, abdome, e tórax; possibilidade de ruptura de órgãos, fraturas, hemorragias internas, pneumotórax, além das lesões de cauda.

Fonte: <https://www.estrategiaconcurso.com.br/blog/vaquejada-pode-ou-ao-pode-o-que-o-stf-diz/>



Imagem 5 - Entrelaçamento dos membros do cavalo e do boi no lado esquerdo com forte probabilidade de traumatismos.

Fonte:

<https://www.migalhas.com.br/quentes/292104/vaquejada-a-tradicao-nordestina-polemica-aos-olhos-da-justica>



Imagem 6 – Como o cavaleiro se posiciona e mudança abrupta da direção do movimento do cavalo com forte impacto sobre o sistema locomotor.

Fonte:

<http://www.ambientelegal.com.br/vaquejada-stf-faz-imposicao-ideologica/>



Imagem 7 – Luva de vaqueiro. A esquerda.
Fonte:
<https://www.maniadevaqueiro.com.br/none->



Imagem 8 – Professora. No meio.
Fonte:

<http://www.compracompras.com.br/produto/1097105364/freio-bridaprofessora-aco-inox>

Imagem 9 - Lesão causada por freio “professora” em cavalo utilizado na vaquejada de Surubim 2015 (Foto: Lisa Kemmerer). A direita. Fonte:
<https://crueldadeequestre.wordpress.com/instrumentos>

5 – Referências Bibliográficas

BASTOS, A.L.F.; OLIVEIRA, H.V.G.; PRADA, I.L.S.; NUNES, V.F.P., **Nota técnica de maus-tratos a animais em vaquejadas**. 2015.

BOAKARI, Y.L.; LEAL, A.B.G.; MARQUES, A.L.A.; ARRIVABENE,

M.; **Tenossinovite em Equinos de Vaquejada no Estado do Piauí**. Anais do IV simpósio da associação brasileira de médicos veterinários de equídeos – Abraveq – Nordeste. Resumo científico disponível em

<http://www.rcvt.org.br/v13_suplemento2_2010/volume13_suplemento2.pdf.>

Acesso em 5 de abril de 2020.

COSTA FILHO, P. E. G., **Medicina Legal e Criminalística**. 2. ed. Brasília: Alumnus, 2015.

DINART TV VAQUEJADA, 16 de fevereiro de 2019. **Como usar corretamente o protetor de cauda na vaquejada**.

https://www.youtube.com/watch?v=vzcy6Oy1jVq&list=RDCMUCVRZT88t5yUecPKG_eCkJusQ&index=1 Acesso em 14 de abril de 2020.

HAMM, GUILHERME. 2013. **Conheça as luvas da vaquejada**

<https://www.youtube.com/watch?v=nzaBeXTr8I>. acesso em 5 de abril de 2020.

KOGIMA, P.A., **Os Sentidos Especiais dos Equinos**. Disponível em:<
<https://www.etologiaclinicaequina.com/sobre-2-c18ty>> Acesso em 4 de abril de 2020.



LOPES, K.R.F.; BATISTA, J.S.; DIAS, R.V.C.; SOTO-BLANCO, B., **Influências das competições de Vaquejadas sobre os parâmetros indicadores de estresse em equinos**. *Ciência Animal Brasileira*, v.10, n.2, p.538-543, abr./jun.2009.

NETO, J.G.; TEIXEIRA, F.A.; NASCIMENTO, P.V.N.; MARQUES, J.A., Artigo nº 96: **Comportamento Social dos Ruminantes**. *Revista Eletrônica Nutritime*, Vol.6, nº4, p.1039-1055 Julho/Agosto, 2009. Disponível em <http://www.nutritime.com.br/arquivos_internos/artigos/096V6N4P1039_1055JUL2009_.pdf>. Acesso em 4 de abril de 2020.

PRADA, I.L.S.; NUNES, V.F.P., **Avaliação Técnica das Provas de Vaquejada**. 2015.